

A INFLUÊNCIA DAS INTERAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR: REFLEXÕES ACERCA DA APRENDIZAGEM E DA FORMAÇÃO INICIAL DO FUTURO PROFESSOR

PASCHOALI, Daiana Raquel¹

COLLING, Juliane²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo refletir acerca da influência das interações no ambiente escolar, durante o Estágio Curricular, especialmente no que diz respeito a sua contribuição para a aprendizagem de conteúdos escolares, bem como para a produção de saberes e conhecimentos profissionais. Acredita-se que o estágio configura-se como um espaço tempo de aprendizagem sobre o ser professor, além de ser um momento privilegiado para a inserção do professor em formação inicial no campo da prática profissional, possibilitando através de processos reflexivos e interativos o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à prática educativa. Discute-se ainda acerca da Zona de Desenvolvimento Proximal, compreendendo-a como meio necessário para a aprendizagem e desenvolvimento, uma vez que essa acontece pela interação entre sujeito aluno, sujeito professor e sujeito colega. Defende-se que é por meio dos processos interativos e da atuação responsável do professor, que a significação das palavras e da linguagem utilizada no momento da interação permite a apropriação do conhecimento e da relação entre os sujeitos escolares. Considera-se ainda que o ser humano aprende a partir das relações/interações e que o contato com os outros sujeitos é necessário para a aprendizagem.

Palavras-chave: Interação; aprendizagem; zona de desenvolvimento proximal; formação inicial; estágio curricular; produção de saberes.

Abstract: This article has as main purpose to reflect about the influence of the interactions in the school environment, during the supervised internship, especially with regard to their contribution to the learning of school content, as well as for the production of knowledge and professional knowledge. It is believed that the stage appears as a space of time learning about the teaching, in addition to being a privileged moment for the insertion of the teacher in initial formation in the field of professional practice, enabling through reflective and interactive processes the development of skills and abilities necessary for the educational practice. It also discusses about the zone of proximal development, as a means necessary for learning and development, since this happens by the interaction between student and teacher subject subject colleague. Argues that it is through the interactive processes and the responsible care of the teacher, that the meaning of the words and language used at the time of interaction allows the appropriation of knowledge and the relationship between the subjects. It is considered that the human being learn from the relationships/interactions and contact with the other subjects is necessary for learning.

Keywords: Interaction; learning; zone of proximal development; initial training; supervised curricular; the production of knowledge.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação de Educação nas Ciências – Unijuí. daiapaschoali@hotmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-graduação. julianecolling@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é trazer para a discussão a temática dos processos interativos vinculados a aprendizagem e desenvolvimento humano, bem como a produção de saberes por professores em formação inicial, analisando suas contribuições, principalmente durante o Estágio Curricular.

Considerações em torno da necessidade do contato próximo entre aluno, professor e colega de classe, tomam força na medida em que se defende que é na interação com o outro e na ação intencional e responsável do professor que a aprendizagem e o desenvolvimento humano podem acontecer.

Nesse sentido, faz-se referência ao estudo de Vygotsky (1993) em sua abordagem sociointeracionista, a qual se refere entre outras informações, sobre os conceitos de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), defendendo que o desenvolvimento humano acontece, ou é o resultado das interações estabelecidas entre os indivíduos durante a sua vida, em ambientes sociais.

Essas considerações, além de fazer referência ao processo ensino-aprendizagem de estudantes envolvidos na Educação Básica, interligam-se com o espaço tempo destinado ao Estágio Curricular Supervisionado, o qual acadêmicos dos cursos de licenciatura necessitam desenvolver.

Compreender esse espaço tempo relacionado ao Estágio é também considerar os processos de ensino aprendizagem marcados por interações estabelecidas entre professor em exercício da escola de Educação Básica e licenciando estagiário, no que se refere a reflexão sobre o ser professor, bem como a apropriação de conhecimentos profissionais e a reflexão de sua práxis pedagógica.

Nesse processo marcado por interações, o ensinar e o aprender devem ser reconhecidos numa dimensão que supere a ideia de uma ação simplista do ato de educar (FRISON, 2012). Nessa perspectiva, a reflexão proposta ganha força e amplitude, sendo necessário ser reforçada nas discussões do campo educacional, pois o Estágio Curricular não pode servir apenas para cumprimento legal, mas permitir aos acadêmicos estagiários o desenvolvimento de conhecimentos profissionais e a reflexão de sua práxis pedagógica e aos estudantes apropriação dos conhecimentos escolares.

Nesse sentido a finalidade deste artigo é refletir sobre as relações de ensino, bem como a interação entre sujeito aluno, sujeito professor e sujeito colega, todos sendo compreendidos

como partícipes do processo ensino-aprendizagem, os quais por meio da interação com o outro elaboram (re)elaboram conceitos e conhecimentos.

Além disso, objetiva-se tecer reflexões acerca da interação, como meio de produção de saberes docentes e de conhecimentos profissionais, os quais “tomam corpo” e se tornam possível na medida em que professor em exercício entra em contato com estagiários e lhes possibilita vivenciar a prática escolar, relacionando-se com ele com a intenção de compartilhar experiências, possibilitando através de diálogos e relações de ensino, reflexões profundas sobre sua ação profissional e a necessidade de desenvolvimento de habilidades e competência importantes para a ação pedagógica.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO ESCOLAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM HUMANA

[...] O que se coloca em pauta é justamente a natureza social, a emergência e a possibilidade da significação – isto é, da produção histórica de signos e sentidos – como meio/mo de relação que afeta e constitui as formas de sentir, pensar, falar, agir das pessoas em interação. (SMOLKA, 2010, p. 114).

Partindo de uma análise voltada às relações de ensino e interações estabelecidas no ambiente escolar, percebe-se que, fora da sala de aula ou mesmo dentro dela, os alunos relacionam-se entre si, interagindo, conversando, dialogando, socializando informações e desenvolvendo-se em conjunto ou junto a seus colegas e professores. E nessa interação produzem conhecimentos e significam suas maneiras de se comunicar, agir, pensar e sentir.

Esse processo de interação torna-se indispensável em qualquer processo de ensino aprendizagem, bem como na elaboração de conhecimento, uma vez que é por meio desta interação entre sujeitos que acontece a produção de signos, que permite ao grupo compreender-se e manifestar-se de maneira que todos interajam sem dificuldade de entendimento, e elaborem (re)elaborem conceitos em discussão.

Smolka (2010) em seus estudos sobre as relações de ensino sob uma perspectiva histórico-cultural descreve de maneira brilhante a relação entre – ensinar e significar – fazendo compreender que nesta relação de ensino é necessário significar a linguagem e que isso pode acontecer através da interação.

Encontramos na etimologia dessas duas palavras a noção de signo: Signare: relativo a sinal, signo; assinalar, apontar, mostrar; assinar; In signare: marcar, fazer incidir, imprimir signo na mente; Signa facere: fazer sinais, signos; significa. Podemos assim perceber que ensinar e significar implicam formas de (inter)ação, (oper)ação mental, trabalho com signos. (SMOLKA, 2010, p. 108).

Percebe-se assim a necessidade de interação entre sujeitos durante o processo de elaboração de conhecimento, entretanto reforça-se a necessidade extrema de significação das palavras/conceitos utilizados nessa interação, uma vez que a aprendizagem acontecerá, se por meio dessa interação, ocorrer o entendimento das palavras ou formas de linguagens utilizadas durante a interação.

Encontra-se aqui um dos desafios dos educadores, pois significar palavras ou imprimir signos na mente, como nos coloca Smolka (2010), não é uma ação tão simples assim. O educador necessita muito mais que possibilitar espaço para o diálogo, ele necessita nessa trama de interações, encontrar maneiras de fazer-se entender, valorizando os sujeitos que se envolvem nessa relação de ensino aprendizagem, bem como os conhecimentos prévios apresentados por esses sujeitos, complexos e diferentes.

Mário Osório Marques (1993) já descrevia que “Necessita a sala de aula ser entendida como lugar de encontro para as relações educativas face a face e, sobretudo, de ouvido a ouvido, e como tempo de trabalho de uma turma de alunos e uma equipe de professores que efetivamente a constituem [...]” (p. 111). E é justamente aí que surge a questão: Como significar conceitos e imprimir sentido as palavras em meio a processos interativos que envolvem diferentes sujeitos, com diferentes constituições históricas culturais?

Desafio educacional, não? Desafio que aumenta quando se parte do pressuposto que aprendizagem “é construção coletiva assumida por grupos específicos na dinâmica mais ampla da sociedade [...]” e que por esse motivo é necessário possibilitar o contato próximo entre os sujeitos, permitindo trocas significativas de conhecimentos e valores, numa tentativa incansável de significar a linguagem e a interação estabelecida neste momento. (MARQUES, 1993, p. 110)

Interessante a dinâmica que se estabelece nesses momentos e entre esses grupos, pois o diálogo, que acontece durante a interação oportuniza espaço para a troca de informações, momento em que funções superiores, bem como habilidades, competências e capacidades são amadurecidas.

Necessário esclarecer que se reconhece que o processo de interação entre seres humanos, sujeitos historicamente construídos, pode acontecer de diversas formas e em

diferentes situações, sendo que a intencionalidade da interação e a significação desta, estabelece situações de aprendizado e desenvolvimento humano.

Como neste momento se escreverá sobre interação escolar, admite-se em determinados momentos da escrita referir-se a interação no sentido pedagógico da palavra, sem desconsiderar que mesmo em ambientes escolares não formais, o desenvolvimento humano acontece, pois assim como Vigotski acredita-se que “[...] o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola” (2007, p. 94).

Nesse sentido ao descrever sobre intencionalidade, considero que em todos os momentos vivenciados com os alunos, bem como em todas as interações estabelecidas, a intencionalidade pedagógica necessita estar presente. Mas a intencionalidade pedagógica baseada em conhecimentos e aspectos específicos daquele momento e daquele conteúdo, e que possibilite ao aluno o amadurecimento de habilidade e competências até então em desenvolvimento.

Assim como descrito acima, ressalta-se que a criança aprende desde o seu nascimento, e o “aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança”(Vigotski, 2007, p. 95). Desta forma, não se pode negar que ao chegar à escola a criança possui conhecimentos específicos de sua vivência e que o professor necessita mediar os processos de ensino-aprendizagem, possibilitando ao aluno transformar conhecimentos do cotidiano, em conhecimento poderoso³, o qual oportuniza o entendimento de situações e atividades específicas da função escolar, que como coloca Vigotski “[...] está voltado para a assimilação de fundamentos do conhecimento científico” (2007, p. 94).

Nesse cenário, pode-se dizer que o professor desenvolve um papel muito importante, pois cria com os alunos um ambiente em que seja possível estabelecer relações de aprendizagem e desenvolvimento, já que o nível de desenvolvimento será diferente de aluno para aluno e isso contribui para apropriação de conhecimento.

A sala de aula percebida como espaço de relacionamento, passa a considerar aluno e professor como unidades complexas nas diversas dimensões e que se relacionam uns com os outros mediados pela linguagem, a qual também é percebida nas mais diversas representações. Essa sala de aula, constituída pelas mais diversas pessoas, formas de linguagem e interação caracteriza-se como espaço de construção e (re)construção de sujeitos, linguagens, interações e conhecimento.

³ Conhecimento independente de contexto que é, pelo menos potencialmente, adquirido na escola. (YOUNG, 2007)

Nessa trama de interações, identificar o nível de desenvolvimento escolar de cada aluno, não é tarefa difícil, entretanto o trabalho a ser desenvolvido depois da identificação não é tão simples como parece. Essa atitude de propor situações problemas, para que o aluno resolva, e identificar em que nível de desenvolvimento de funções mentais ou ciclo de desenvolvimento já completado está o aluno, exigirá do professor movimentação e dinâmica pedagógica, para atuar na gestão de uma classe que se encontra em processos diferentes de aprendizagem e desenvolvimento. (Vigotski, 2007)

A posterior identificação colocará o professor em movimentação, pois este terá que deixar de lado a ideia de classe homogênea, onde um planejamento, com determinadas atividades poderá ser utilizado para todos os alunos e proporcionará a eles desenvolvimento da mesma forma.

Depara-se aqui com a complexidade do trabalho docente e das relações/interações vivenciadas em sala de aula. Segundo Smolka (2010 p. 111) precisa-se dar atenção especial a esse processo educativo, onde os mais diversos alunos e professores encontram-se em uma mesma sala de aula e compartilham conhecimentos, pois “[...] há que se pensar na diversidade das condições de apropriação das práticas e nas possíveis formas de participação das pessoas nessas práticas”.

Não somente a sondagem, mas a forma de apropriação do conhecimento necessita ser levada em consideração, para que o professor possa delinear o trabalho a ser desenvolvido, de maneira que possibilite aos alunos participarem do processo de apropriação/significação do conhecimento e de interação com os sujeitos envolvidos nesse processo.

Ao identificar o nível de desenvolvimento e a forma de apropriação do conhecimento, o professor poderá passar a trabalhar a partir do nível de desenvolvimento real do aluno, o qual segundo Vigotski, “[...] define funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento. Se uma criança pode fazer tal e tal coisa, independentemente, isso significa que as funções para tal e tal coisa já amadureceram nela.” (2007, p.97).

Quando durante a interação é identificado o nível de desenvolvimento real dos alunos, o professor começa a mediar outro momento do processo ensino-aprendizagem. Neste, orienta os alunos para que, em conjunto com ele e com seus colegas de classe, interagindo partam para a resolução de problemas mais complexos, ou acima do ciclo de aprendizagem já completado por alguns deles. Pode-se dizer que, neste momento, estão “atuando” na zona de desenvolvimento proximal, a qual é definida por Vigotski como,

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento

potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (2007, p. 97).

A zona de desenvolvimento proximal, proporcionada através do aprendizado, possibilita o desenvolvimento de funções mentais superiores, em que o aluno alcança ou completa determinado ciclo de desenvolvimento, e que acontece através da interação.

Nesse sentido, para Vigotski a “[...] zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã - ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (2007, p. 98).

Reforça-se assim que, quanto mais o educador proporcionar situações em que seja possível a interação, o diálogo e a troca de informações entre colegas de classe, mais contribuirá para o desenvolvimento humano.

São nessas situações em que os alunos atuam na zona de desenvolvimento proximal, cooperando entre si e solucionando situações problemas, que o desenvolvimento e a aprendizagem acontecem e que a significação das palavras, tão necessária no processo de interação para que o aprendizado possa acontecer, encontra espaço para florescer, pois “[...] a significação vai (re)configurando, se estabelecendo se convencionalizando na relação entre as pessoas”. (SMOLKA, 2010, p. 115).

Volta-se o olhar neste momento para a complexidade do trabalho docente, percebendo que práticas educacionais tradicionais com direção específica de conteúdo não comportam o modelo de escola que se instalou mundo afora. Salas de aula tradicionais, nas quais alunos enfileiravam-se um atrás do outro e o professor era o centro das atenções, não são mais aceitas pela sociedade contemporânea, apesar de alguns profissionais acreditarem ser este o modelo de escola, em que os alunos realmente aprendem.

Ao apostar-se em uma visão nova e mais abrangente, na qual se leva em consideração a importância da interação entre aprendizagem e desenvolvimento e na perspectiva que “[...] o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado, [...]” permite-se trabalhar e defender as zonas de desenvolvimento proximal, que criam força e se estruturam através da interação entre professor, aluno e colega de classe e que necessitam ser exploradas por todos os educadores, principalmente os em formação inicial, para que reproduzam em sua prática formativa os momentos de interação e aprendizagem coletiva. (Vigotski, 2007, p. 103).

Essa interação necessita estar pautada no diálogo aberto entre todos os envolvidos nos processos de ensino aprendizagem, pois nessa nova hipótese, todos participam e contribuem

para o aprendizado e desenvolvimento humano, uma vez que “[...] os sentidos emergem como resultantes dessas relações.” (SMOLKA, 2010, p. 116)

Nesse sentido concordo com Marques, quando coloca que,

Na proposta da neomodernidade, a educação assume, assim, papel ativo de aprendizagem coletiva e da potenciação do desenvolvimento cognitivo, prático-moral e expressivo estético [...]. A educação é o alargamento dos horizontes intelectual, relacional e expressivo, na dinâmica das experiências vividas e na totalidade da aprendizagem[...] (MARQUES, 1993, p. 13).

Essa aprendizagem coletiva e a abertura para o diálogo relacional necessita estar imbricada nas escolas e na prática diária do professor, pois desta forma oportuniza-se espaço para a coletividade e para as interações que possibilitam o alargamento dos conhecimentos e a significação das formas de se comunicar, agir, sentir e pensar.

Se o licenciando estagiário tiver conhecimento sobre essas situações, bem como valorizar os momentos em que acontecem as interações estabelecidas em sala de aula e nos demais espaços do ambiente escolar, possibilitará aos alunos com os quais entrará em contato, vivenciar momentos intensos de interação e relacionamento grupal que certamente proporcionaram aprendizagem e desenvolvimento significativo.

Desta forma, o professor em formação inicial compreende o aluno como sujeito ativo da aprendizagem, o qual na interação elabora (re)elabora conceitos, mediados e significados pelos professores e colegas de classe. Assim, o processo educativo proporciona voz e vez a todos os que dividem o mesmo espaço escolar, que possuem valores e conhecimentos diferenciados, mas que estão em processo de (re)construção e que se constituem na interação, sócio-histórico-cultural.

2.2 ESTÁGIO CURRICULAR: UM OLHAR PARA OS PROCESSOS INTERATIVOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO INICIAL DO FUTURO PROFESSOR

Ao refletir sobre a importância da interação para a aprendizagem e desenvolvimento humano, não se pode deixar de relatar sobre a necessidade deste processo interativo para a construção de saberes profissionais, voltados a formação inicial do futuro professor.

Nessa linha de pensamento e por ocasião da atividade profissional, como formadora de professores, acredita-se ser importante tecer reflexões sobre um período de fundamental importância para os licenciandos estagiários, no qual processos de interações são estabelecidos: o Estágio Curricular.

Discussões em torno da contribuição do Estágio Curricular para a construção de conhecimentos profissionais, bem como para a aprendizagem de conteúdos escolares, chamam a atenção para a influência das interações que se estabelecem nesse espaço e tempo formativo e vêm despertando o interesse para investigações e estudos nessa área.

Este espaço tempo de aprendizagem sobre o ser professor, marca a vida profissional e pessoal, dos estagiários que desenvolvem a prática docente, pois nesse período em que se colocam à disposição da escola e desenvolvem seu planejamento docente, aprendem muito mais que elencar objetivos e desenvolver atividades, aprendem contudo a conviver e a experienciar os saberes discutidos na academia.

Pensar a formação de professores exige refletir sobre a organização curricular dos cursos responsáveis pela formação de professores, com enfoque especial para as concepções e possibilidades desencadeadas pelo Estágio Curricular, considerados importantes no processo formativo dos futuros professores (FRISON, 2012).

Segundo o Decreto nº 87.497 de 18 de agosto de 1982⁴, considera-se estágio curricular, “[...] as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sendo realizada na comunidade em geral [...], sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino”.

Para Pimenta e Lima (2010) essas atividades de aprendizagem permitem a “[...] reflexão da práxis [...]” e “[...] possibilita aos alunos que ainda não exercem o magistério aprender com aqueles que já possuem experiência na atividade docente” (p.103).

Nessa mesma linha de pensamento Gauthier e Martineau (2001) defendem que “[...] a apropriação concreta da profissão em suas condições reais, [...] se dá através dos estágios. É, portanto, nos estágios que o futuro professor entra em contato, pela primeira vez, com os condicionantes de sua profissão” (p.72).

Frison (2012) acredita que o estágio enquanto componente curricular da formação de professores é compreendido como espaço e tempo de intensas aprendizagens sobre conhecimentos profissionais de professor. Sendo assim, ressalta-se que esse possibilita a aprendizagem sobre o ser professor, e que necessita oferecer condições para o desenvolvimento dos conhecimentos profissionais discutidos na academia, com espaço para a interligação entre teoria e prática, a fim de contribuir significativamente para a aprendizagem dos estudantes, dos professores em formação inicial e, também dos que se encontram em exercício.

⁴ Regulamenta a Lei nº 6.494, de 07 de dezembro de 1977, a qual dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de 2º grau regular supletivo.

O que preocupa em termos de formação docente, especialmente no momento do estágio é que serão estes profissionais, formadores e em exercício, que estarão à frente desse processo, de inserção no campo profissional, contribuindo e direcionando a constituição da identidade profissional. Sendo assim, repensar as interações estabelecidas entre esses sujeitos, faz-se necessário pela sua importância na definição e constituição do ser professor.

Esse repensar encontra força nas palavras de Marques (2006), quando defende que o ser humano aprende a partir das relações e que o contato com os grupos, âmbitos, setores públicos e espaços, são necessários para a aprendizagem.

E quando se fala sobre relações e aprendizagem, focando o olhar para o Estágio Curricular, não se pode deixar de refletir sobre as interações que se estabelecem entre professor da Educação Básica, Professor em Formação Inicial e estudantes da Educação Básica.

Góes (1991) coloca que as interações entre os seres humanos, sujeitos sociais, constituem-se e apropriam-se de novas formas de ação, dependentes “tanto de estratégias e conhecimentos dominados pelo sujeito quanto de ocorrências no contexto interativo” (p.18).

As interações desencadeadas durante este processo podem e devem desenvolver tanto aluno da educação básica como licenciando estagiário, pois o estágio necessita ser um período no qual aprendizagem sobre conteúdos escolares e sobre o ser professor, sejam colocados a postos.

Vigotski (1993), em sua abordagem sociointeracionista, refere-se aos conceitos de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e o conceito de Aprendizagem Mediada, defendendo que o desenvolvimento humano acontece, ou é o resultado das interações estabelecidas entre os indivíduos durante a sua vida, em ambientes sociais. Desta forma, é possível perceber o quanto as interações são necessárias ao desenvolvimento humano, afinal são elas que estruturam e possibilitam a este se desenvolver.

Nesse contexto, a reflexão sobre as práticas desenvolvida pelos profissionais em exercício, orientam os futuros professores, sobre o que fazer e o que não levar em consideração, referente à sua dinâmica de sala de aula.

Por conta disso, o estágio necessita ser um período de interações significativas, entre professor titular e licenciando estagiário, bem como um período de profundas reflexões sobre sua ação pedagógica e o desenvolvimento de competências e habilidade profissionais, para que realmente este espaço tempo de aprendizagem oportunize ao estagiário licenciando elaborações e (re)elaborações sobre sua prática escolar.

Assim o estágio exerce papel fundamental na formação do professor e na apropriação de saberes profissionais, pois é durante a interação com os profissionais em exercício, bem

como com estudantes da educação básica, e levando em consideração os processos de interação, que conhecimentos profissionais sobre o ser professor e a apropriação de conteúdos escolares são produzidos, e significam a aprendizagem.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Acredita-se que os processos interativos estabelecidos e vivenciados no ambiente escolar contribuem de forma significativa para a apropriação de conteúdos escolares, bem como para o desenvolvimento de saberes docentes e de conhecimentos profissionais sobre o ser professor.

Entretanto percebe-se a necessidade de significar essa interação, de modo que todos os envolvidos no processo possam compreender-se e entender as situações e relações de ensino. É preciso, pois que as palavras, linguagens e interações estejam articuladas e que a zona de desenvolvimento proximal, tão defendida por Vigotski (1993), proporcione desenvolvimento e aprendizagem humana, o que só será possível quando sujeitos em diferentes níveis de desenvolvimento e ciclo de aprendizagem interagem significando seu diálogo.

Frente a essas considerações torna-se importante o reconhecimento e a discussão sobre as interações permitidas e possibilitadas no espaço e tempo do Estágio Curricular e a compreensão, com tomada de consciência, sobre a importância do estabelecimento dessas interações nos processos de ensino-aprendizagem.

Considera-se, portanto que as interações estabelecidas no ambiente escolar, podem contribuir significativamente para a elaboração (re)elaboração de conceitos e conhecimentos escolares, bem como para a constituição de futuros professores, desde que possam contar com a participação e responsabilidade de professores em exercício, acadêmicos estagiários e estudantes da educação básica, sendo todos compreendidos como dimensões importantes e necessárias a aprendizagem e desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 87.497, de 18 de agosto de 1982.** Regulamenta a Lei nº 6.494, de 07 de dezembro de 1977, que dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de 2º grau regular e supletivo, nos limites que especifica e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d87497.htm>. Acesso em: 25 out. 2013.

FRISON . M.D. **A produção de saberes docentes articulada à formação inicial de professores de química:** implicações teórico-práticas na escola de nível médio. Tese. (Doutorado). 2012.

GAUTHIER, Clermont e MARTINEAU. **Triângulo Didático-Pedagógico:** o triângulo que pode ser visto como um quadrado. IN: Revista Educação nas Ciências. Ijuí: UNIJUÍ, V01, p. 45-77, Jan/Jun, 2001.

GÓES, Maria, Cecília R. de, **A natureza do desenvolvimento psicológico.** Caderno CEDES, Campinas: Papyrus, n24, 1991, p. 17-24.

MARQUES, Mário Osório. **Conhecimento e Modernidade em Reconstrução.** Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1993. 126 p. (Coleção Educação).

MARQUES, Mario Osório. **Aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência.** Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2006.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência.** 5º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SMOLKA, A. L.; NOGUEIRA, A.L.H. (Orgs.). **Questões de desenvolvimento humano: práticas e sentidos.** Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** Tradução Jéferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch; Michael Cole ...[et al.] (orgs); tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Astro Asfeche. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes- selo Martins, 2007.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** In: Educação e Sociedade. Campinas. Vol 08. N 101, p. 1287-1302 set/dez. 2007.